

As paixões da alma

As ações cristãs

“Suplico-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, de apresentardes os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.” – Rm 12:1

No capítulo VII da obra *A instituição da religião cristã*, intitulado “Resumo da vida cristã, a renúncia de nós mesmo”, João Calvino cita o apóstolo Paulo lembrando-nos de que não há cristianismo sem a oferta física de nossas vidas, assim como não há o culto a Deus sem o prostrar da face e o dobrar dos joelhos. Em tempos de esvaziamento do poder religioso e sua substituição pelo poder do Estado, temos visto os não-cristãos definirem os rumos da Igreja impedindo a realização do culto e, conseqüentemente, interferindo no que o apóstolo Paulo chama de “culto racional”, a apresentação dos corpos em sacrifício vivo ao Criador. “Daí procede a exortação para que não se acomodem à aparência deste mundo, mas que se transformem pela renovação de sua mente, a fim de provar qual é a vontade de Deus”, prossegue o teólogo francês lembrando mais uma citação paulina, o que é na verdade uma constante na formação da Igreja Primitiva sobre a tutela de Paulo, que aos efésios (Ef 4:22-24) escreveu:

Quanto à antiga maneira de viver, fostes instruídos a vos despiredes do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serdes renovados no vosso modo de raciocinar e a vos revestirdes do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da Verdade.

O Evangelho pregado pelo menor dos apóstolos era uma boa nova de transformação, que não apenas revelava a graça salvífica em Cristo como também entregava a compreensão do *porquê* do resgate na Cruz, e essa missão cristã é a devoção física ao Deus Invisível. Ler as epístolas paulinas é estar o tempo todo em contato com um chamado ao viver em Cristo, em tudo o que se faz nessa vida (I Co 10:31). E aqui está a motivação que me traz a escrever esse texto (e ministrar a aula de hoje, na Escola): entender como o que é imaterial afeta a vida humana, aproximando-nos ou afastando-nos da realização da vontade de Deus.

A boa vontade de Deus é manifesta por nós nas boas obras -- sem as quais é impossível a manifestação da fé n'Ele -- enquanto as virtudes expressam ao mundo nossa transformação, ato divino que em um novo nascimento em Cristo Jesus nos tornou diferentes dos filhos dos homens. Nessa expressão de Deus por meio de mãos humanas, João Calvino ressalta no texto supracitado quatro ações cristãs: a caridade, a sobriedade, a justiça e a piedade. A caridade é o ato material onde o cristão doa o que tem em benefício do outro (Hb 16:3); a sobriedade é a virtude que nos conforma à vida de privação (Fp 4:11-13¹); a justiça é a virtude que nos remete sempre a buscar a equidade, para que cada um tenha o que lhe é devido; e a piedade que faz de nós, retirados da imundície do mundo, unidos com Deus em separação do pecado.

¹ Curiosamente, o texto de Fp 4:11-13 termina com a declaração do apóstolo que diz “tudo posso naquele que me fortalece”, citação que é proclamada hoje como um amuleto para trazer sorte e prosperidade, quando nos lábios de Paulo dizia respeito justamente ao oposto disso, sendo uma declaração clara da total irrelevância da prosperidade terrena e o pleno desinteresse do apóstolo para com ganhos terrenos.

Todas as ações vãs e más são naturais do homem, isso significa que sem intervenção externa o homem naturalmente as pratica não sendo afetada sua consciência. O que muitos dizem em nossos tempos ser a balança de julgamento do que é bom e ruim, a consciência, é nada menos que um senso destituído de bondade que nada faz mais que justificar para si aquilo que é mal. Não apenas o ímpio deve fugir de seguir a própria consciência (para esses, o ordenamento legal de um Estado justo deve ser o freio de seus atos), como também o cristão não deve seguir sua consciência, uma vez que tudo o que faz deve ser feito conforme a vontade de Deus, e não concordante para com aquilo que a mente humana entende como correto.

Tudo o que foi dito até aqui se refere às ações cristãs, o que podemos resumir como “fazer o bem”. Temos nesses primeiros parágrafos um resumo do que é o caminhar em Cristo, vamos tratar agora do seu oposto, o que há de mal nas ações humanas, de como podemos evitar o mal e por fim vamos tratar das ações espirituais interferindo nas ações físicas dos homens.

As ações naturais do homem

Em Agostinho temos a bela analogia do homem mundano que vive na Cidade dos Homens e o homem espiritual que vive na Cidade de Deus. O santo da Igreja diz no Livro XIV (Parte I) que tudo o que os homens querem é viver em paz, tanto os da cidade baixa como os da cidade alta. Para isso trabalham e dedicam suas ações. Dispensável buscar bases nessa obra para comprovar o que diz o autor, sabemos todos que as ações da própria sociedade em que vivemos não são mais que provas cabais do desejo do homem em “fazer sua vontade”, encontrando-nos em dificuldades apenas quanto a localizar na Terra um número considerável de habitantes da Cidade de Deus.

Falar sobre as ações naturais do homem é, portanto, falar do *viver segundo a carne* na linguagem bíblica. Em Agostinho temos uma clarificação introdutória que é essencial de aqui também ser feita, a de que viver segundo a carne não significa apenas cometer atos claramente carnis, mas que há também práticas espirituais que são “carnais” no sentido das Escrituras, o que se faz claro no texto aos gálatas: *Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatrias e feitiçarias; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e tudo quanto se pareça com essas perversidades, contra as quais vos advirto, como já vos preveni antes: os que as praticam não herdarão o Reino de Deus!*². Não são todas estas obras da carne como se entender normalmente, basta um olhar mais criterioso para se identificar que idolatrias, feitiçarias, ciúmes e inveja são obras ditas *do espírito*, não obstante são todas referentes à carne em alusão aos atos do primeiro homem, Adão. Dá-se aqui a compreensão primeira de que nem toda busca ao que é imaterial é uma busca “espiritual” no sentido do Espírito Santo de Deus. As ações do espírito humano não agradam a Deus, pois são naturalmente também nascidas na desobediência no Éden. Quem acredita estar buscando a Deus na abstrata espiritualidade não percorre um caminho da Cidade de Deus, mas caminha mesmo uma trilha da Cidade dos Homens.

Erra também quem julga ser a carne a raiz do pecado, confundindo o que a sagrada escritura diz quanto a não viver segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8). Se a carne é a raiz do pecado, quando Deus criou a Adão ele foi criado propenso ao pecado? Ou ainda o próprio Diabo é ausente do erro por não ser carnal, mas espiritual? Nem mesmo a primeira questão se responde assim como a segunda é claramente abominável, e isso se dá por não ser a carne a fonte do engano mas sim o local onde se encontra a punição pelo erro. A corrupção que leva a morte não é *da carne, foi dada à carne*.

² Gl 5:19-21

Com relação a viver segundo a carne, não temos uma afirmação (ou exortação) que diz não ser ao homem indicado viver segundo o que é terreal, pecaminoso ou corrupto, antes de maior grandeza se revestem essas palavras por fazerem referência à vivência do homem segundo a vontade do próprio homem, ou dos anjos em viver segundo a vontade dos próprios anjos (erro em que incorreu Lúcifer). A única vontade boa é a vontade de Deus e é a ela que todo ente deve voltar sua face e dedicar seus atos. Quando se faz a própria vontade (quer homens ou anjos, seres materiais ou espirituais) incorre-se em erro e malefício pois apenas Deus sabe o que é melhor para cada um de nós e cuida de nosso bem viver. Sua concentração de atenção não é fruto de um suposto “santo egoísmo” e sim a manifestação de seu eterno amor que a todos deseja a vida em abundância.

A ação das paixões

Em São Tomás temos a compreensão (fazendo o doutor da Igreja uso de Aristóteles) de que a paixão é a atração do paciente pelo agente, ou seja, a paixão da alma é a alma mesma em desejo de um agir externo que a seduz e a convida à participação. Ainda na mesma questão³, Tomás destaca que “*a verdade e a falsidade*, que pertencem à inteligência, não estão nas coisas, mas na mente”. As paixões em S. Tomás são as ações resultantes não da aproximação do que é impuro mas no afastamento para com o pleno ato, cientes os leitores dos textos tomistas de que essa é uma referência a Deus. Assim, temos a opacidade da alma não pelo mergulhar no que é próprio da Cidade dos Homens mas no afastar-se do Alto.

Essa mentalidade referente à vida cristã é esclarecedora não apenas teologicamente, mas onticamente⁴, dessa forma entendemos não somente uma beleza que compraz aos olhos do espírito, obtemos um clarear quanto ao que fazer nesta vida forasteira. Buscar por um caminhar reto e justo à semelhança do servo fiel, Jó, é caminhar rumo a Deus e à aproximação de seu ser o homem em consequência se santifica.

Sendo as paixões uma deficiência -- pois é um ato primeiramente de potência, ou seja, de um paciente que deseja um agente -- são elas impossíveis de coexistirem com Deus, que não tem potência alguma, antes é o absoluto. Esse apetite pelo *poder satisfazer* as paixões só pode ser mortificado (*cf.* Rm 8:13) pela unificação para com o Espírito, e é aqui que está centrado o evangelho pregado pelo apóstolo Paulo a todas as igrejas, a extinção do desejo para que possa o cristão viver segundo a vontade do Pai.

Fernando Melo
Brasília, 16 de junho de 2021.

³ AQUINO, S. T. *Suma Teológica II*. Tratado das paixões da alma. Questão 22. Art. 2.

⁴ Aquilo que é pertencente ao ser e suas características.